

OS MOVIMENTOS UNIVERSITÁRIOS CATÓLICO, ECUMÊNICO E EVANGÉLICO EM PERNAMBUCO (1950-2000)

Erika Farias Nogueira da Silva¹; Gustavo Gilson Sousa de Oliveira²

¹Estudante do Curso de Pedagogia - CE – UFPE; E-mail: erikafarias15@hotmail.com, ²Docente/pesquisador do Depto de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação – CE – UFPE; E-mail: gustavosaet@yahoo.com.br.

Sumário: Os movimentos estudantis cristãos – católicos protestantes e ecumênicos – surgem, a partir do final do século XIX e início do século XX, na Europa, com a perspectiva de oferecer apoio pastoral, facilitar o suporte mútuo entre os estudantes religiosos e fortalecer o testemunho da fé no ambiente universitário. Todavia, já na primeira metade do século XX, grande parte desses movimentos passa a ser fortemente influenciado pelo humanismo cristão e a assumir um papel cada vez mais ativo e crítico nos debates religiosos, acadêmicos e políticos que se delineavam. A partir desse processo, os movimentos estudantis começam a constituir-se numa instância privilegiada de produção de intelectuais e lideranças não apenas para as igrejas e os novos movimentos religiosos que se articulavam nesse momento, mas, para o próprio movimento estudantil e a sociedade civil secular. No Brasil, os primeiros movimentos estudantis católicos – como a Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Estudantil Católica (JEC) e outros – iniciaram com um perfil tradicionalista e conservador, ligados à Ação Católica e ao projeto da Neocristandade, mas, acabaram formando lideranças e movimentos que tiveram uma atuação relevante nas lutas sociais e mesmo na resistência à ditadura civil-militar a partir de 1964. Também os movimentos estudantis ecumênicos, como a União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB) e a Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), ligados à Federação Mundial de Estudantes Cristãos (FUMEC), articularam um significativo movimento de defesa das “reformas de base” e muitas de suas lideranças foram presas, exiladas ou foram para a clandestinidade após o golpe de 1964. A Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) surgiu como uma alternativa mais conservadora ao movimento estudantil ecumênico, a partir dos anos de 1950, mas, passou a ser fortemente influenciada por um discurso teológico-político crítico entre o final dos anos de 1970 e os de 1990. Todos esses movimentos atuaram intensamente em Pernambuco, sobretudo no Recife, na segunda metade do século XX. Formaram lideranças religiosas, acadêmicas e sociais reconhecidas. Influenciaram gerações de estudantes e estiveram articulados a movimentos históricos importantes.

Palavras-chave: ditadura civil-militar; educação e religião; identidade; movimentos estudantis; movimentos religiosos;

INTRODUÇÃO

Diversos autores já destacaram a importância dos movimentos estudantis no Brasil ao longo do século XX, não somente como atores sociais e políticos significativos na história do país, mas, também como um importante espaço de formação civil e de construção de subjetividades (MESQUITA, 2009; SCHERER-WARREN, 2009; GROppo, 2008, 2005; GONH, 2008, 1999; SPOSITO, 2000, 1997; NOVAES, 2000; FORACHI, 1977), a partir do qual se destacaram inúmeras lideranças acadêmicas, sociais e políticas brasileiras. Relativamente poucos estudos, todavia, têm sido dedicados ao papel e atuação dos movimentos estudantis religiosos, e especialmente cristãos, durante esse período.

Conforme observado em pesquisas anteriores (OLIVEIRA, 2011 e 2009; QUADROS; 2011 COPPE; 2009 DIAS, 2009) os movimentos estudantis cristãos – católicos protestantes e ecumênicos – surgem, a partir do final do século XIX e início do século XX, na Europa, com a perspectiva de oferecer apoio pastoral, facilitar o suporte mútuo entre os estudantes religiosos e fortalecer o testemunho da fé no ambiente universitário. Todavia, já na primeira metade do século XX, grande parte desses movimentos passa a ser fortemente influenciado pelo humanismo cristão – através da influência de pensadores católicos como Jacques Maritain, Emmanuel Mounier e protestantes como Karl Barth e Richard Niebuhr – e a assumir um papel cada vez mais ativo e crítico nos debates religiosos, acadêmicos e políticos que se delineavam. A partir desse processo, os movimentos estudantis começam a constituir-se numa instância privilegiada de produção de intelectuais e lideranças não apenas para as igrejas e os novos movimentos religiosos – como o movimento ecumênico – que se articulavam nesse momento, mas, para o próprio movimento estudantil e a sociedade civil secular.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa proposta foi realizada em três etapas. Em primeiro lugar, foi realizado o levantamento bibliográfico, leitura e análise sistemática das principais pesquisas e trabalhos já produzidos sobre movimentos estudantis e, em particular, sobre os três movimentos pesquisados, no Brasil e em Pernambuco. Em segundo lugar, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco sujeitos que atuaram diretamente ou tiveram contato significativo com cada um dos três movimentos para buscar despertar suas memórias (MONTENEGRO, 2010) em relação às suas vivências e trajetórias pessoais nos mesmo. Por fim, foi realizada a análise de documentos representativos de diferentes momentos dos discursos de cada um dos três movimentos, selecionados por sua relevância, de acordo com as informações obtidas através da pesquisa bibliográfica ou de indicações de entrevistados e/ou informantes. A análise das entrevistas e documentos selecionados de cada um dos movimentos foi desenvolvida através de um procedimento de análise do discurso informado pelos recursos conceituais da Escola Francesa de Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 1997), da Genealogia de Foucault (1999) e da Teoria do Discurso (OLIVEIRA, OLIVEIRA e MESQUITA, 2013; GLYNOS e HOWARTH, 2007; LACLAU e MOUFFE, 2001).

RESULTADOS

No Brasil, os primeiros movimentos estudantis católicos – como a Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Estudantil Católica (JEC) e outros – iniciaram com um perfil tradicionalista e conservador, ligados à Ação Católica e ao projeto da Neocristandade, mas, acabaram formando lideranças e movimentos que tiveram uma atuação relevante nas lutas sociais e mesmo na resistência à ditadura civil-militar a partir de 1964 (NOVAES, 1998; SOUZA, 1996). Também os movimentos estudantis ecumênicos, como a União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB) e a Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), ligados à Federação Mundial de Estudantes Cristãos (FUMEC), articularam um significativo movimento de defesa das “reformas de base” e muitas de suas lideranças foram presas, exiladas ou foram para a clandestinidade após o golpe de 1964 (DIAS, 2009; FARIA, 2002). A Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), por sua vez, surge como uma alternativa mais conservadora ao movimento estudantil ecumênico a partir dos anos de 1950, mas, mesmo assim, passa a ser fortemente influenciada por um discurso teológico-político crítico entre o final dos anos de 1970 e os de 1990 (QUADROS, 2011). Todos esses movimentos atuaram intensamente em Pernambuco, sobretudo no Recife, na segunda metade do século XX. Formaram lideranças religiosas, acadêmicas e sociais reconhecidas.

Influenciaram gerações de estudantes. Estiveram articulados a movimentos históricos importantes, como o Movimento de Cultura Popular e as Ligas Camponesas (VILELA, 2014).

DISCUSSÃO

A partir da análise inicial da literatura, dos documentos e das entrevistas realizadas, foi possível observar que os movimentos estudantis católicos, ecumênicos e evangélicos desempenharam um papel importante na formação e na trajetória pessoal de um grande número de estudantes universitários ao longo da segunda metade do século XX. Mais do que isso, foi possível perceber que alguns desses movimentos tiveram, enquanto sujeitos coletivos, uma atuação significativa durante momentos críticos da história do país, chegando a influenciar os rumos dos processos de resistência e enfrentamento à ditadura civil-militar, o que ocorreu em virtude da criação da Ação Popular, por exemplo, assim como do Projeto Brasil Nunca Mais, dentre outros. Apesar dos movimentos terem sido afetados pelos mesmos processos históricos, todavia, a forma de lidar com esses processos não foi idêntica. Nesse sentido, apesar da pressão dos processos sociais e dos conflitos internos, a posição hegemônica na ABUB durante o regime militar foi de não priorizar a relação entre fé e realidade. Essa posição, todavia, não é uma consequência natural e intrínseca do discurso religioso cristão. Na realidade, ela foi minoritária entre os movimentos estudantis cristãos, tanto católicos quanto protestantes.

CONCLUSÕES

Essa análise parece indicar que a existência de movimentos estudantis religiosos, como os estudados, fornecem espaços em que os estudantes oriundos de distintas tendências e tradições religiosas têm a oportunidade de buscar elaborar coletivamente um diálogo entre sua formação religiosa e a realidade histórica, social e acadêmica vivenciada a partir da inserção no ensino superior. Esse espaço mostrou-se, historicamente, relativamente autônomo em relação às autoridades e instituições religiosas oficiais e chegou a fornecer mesmo, em alguns momentos, condições para se desafiar o discurso religioso hegemônico nesses grupos. Essas observações, entretanto, necessitam ainda serem melhor avaliadas e desenvolvidas a partir de um aprofundamento da análise dos dados produzidos nessa pesquisa e na ampliação das investigações iniciadas neste projeto.

REFERÊNCIAS

- CARRANO, Paulo. (2010) Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, A; CANDAU, V. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes.
- COPPE, Moisés. (2012). A responsabilidade social e política dos cristãos: história e memória da União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB) entre as décadas de 1920 e 1960. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.
- CUNHA, Magali. (2007). “O passado nunca está morto”. Um tributo a Waldo César e sua contribuição ao movimento ecumênico brasileiro. **Estudos de Religião**, Ano XXI, n. 33.
- DIAS, Zwinglio. (2014). As igrejas protestantes/evangélicas e o Golpe civil-militar de 1964. Belo horizonte, v.9.
- FARIA, Eduardo. (2002) Fé e compromisso. São Paulo: ASTE.
- FORACCHI, Marialice. (1977) **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Nacional.
- GROPPO, Luiz. (2005) **Uma onda mundial de revoltas. Movimentos estudantis de 1968**. Piracicaba: Unimep, 2005.

- GROPPO, Luiz et al. (2008) **Movimentos estudantis na contemporaneidade**. Recife: UFPE.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. (2001) **Hegemony and Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics**. London: Verso.
- LOPES, Alice. (2011) Políticas de Currículo: questões teórico-metodológicas. In: **Discursos nas políticas de currículo**. Rio de Janeiro: Quartet.
- MAINGUENEAU, Dominique. (1997) **Novas tendências em Análise do Discurso**. São Paulo: Pontes.
- MESQUITA, Marcos. (2009) **Identidade, Cultura e Política: os Movimentos Estudantis na Contemporaneidade**. Maceió: EDUFAL.
- MONTENEGRO, Antônio. (2010) **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Editora Contexto.
- NOVAES, Regina. (2000) Juventude e Participação Social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Helena. (Org.). **Juventude em Debate**. São Paulo: Cortez.
- _____. (1998) Juventude e Ação Social Católica no Rio de Janeiro: resultados de pesquisa. In: LANDIM, Leilah. (Org.). **Ações em sociedade**. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- OLIVEIRA, Gustavo. (2014). Educação, Laicidade e pluralismo: Elementos para uma genealogia dos debates sobre o ensino religioso no Brasil. **Revista Teias**, v.15.
- OLIVEIRA, Gustavo; OLIVEIRA, Anna. MESQUITA, Rui. (2013) A teoria do discurso de Laclau e Mouffe e a pesquisa em Educação. **Educação e Realidade**. V. 38, n. 4, p. 1327-1349.
- PAULA, Christiane. (2012). Conflitos de gerações: Gustavo Corção e a juventude Católica. **Belo Horizonte**, v. 10.
- QUADROS, Eduardo. (2011) **Evangélicos e mundo estudantil: uma história da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (1957- 1981)**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos.
- SPOSITO, Marília. (2000) Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 73-94.
- _____. (1997) Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. N. 5.
- VILELA, Márcio. (2014) Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política. 2014. 273 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.